

Uma Introdução ao Problema da Empatia como Fundamento para a Antropologia Fenomenológica de Edith Stein.

An Introduction to the Problem of Empathy as A Foundation for Edith Stein's Phenomenological Anthropology.

Maria Cecilia Isatto Parise¹

Resumo:

Este artigo examina a análise fenomenológica da empatia (*Einfühlung*) – tratada como entropatia, entendida para além da compaixão ou simpatia — como base fundamental para a antropologia filosófica de Edith Stein. O objetivo é esclarecer como a empatia revela tanto a estrutura universal do ser humano (dimensões corpórea, psíquica e espiritual) quanto a singularidade irredutível de cada pessoa, fundamentando a vida comunitária e a responsabilidade ética. Metodologicamente, utiliza-se uma revisão bibliográfica e uma leitura atenta dos principais escritos de Stein sobre intersubjetividade – especialmente sua tese de doutorado de 1917 – complementada por materiais autobiográficos para contextualizar o desenvolvimento de seu projeto e seu diálogo com a fenomenologia de Husserl. Por meio de reduções eidéticas e transcendentais, a empatia surge como um ato *sui generis* que permite o acesso cooriginário à experiência vivida do outro sem fundir sujeitos, revelando assim o caráter intencional e carregado de valores dos atos pessoais. O estudo conclui que a empatia é constitutiva para a formação plena do eu como sujeito espiritual, livre e responsável; enriquece o autoconhecimento, apoia o reconhecimento, o compartilhamento de valores e sustenta a objetividade intersubjetiva. Além disso, abre um caminho para a transcendência, tal como aconteceu com Edith Stein, ao iluminar como a apreensão da interioridade do outro pode expandir o horizonte axiológico e motivar o engajamento prático consistente com o florescimento pessoal e comunitário.

Palavras-chave: Fenomenologia. Intersubjetividade. Singularidade. Entropatia. Valores.

¹ Professora do curso de Pós-graduação da UniÍtalo. Membro do Centro italiano di ricerche fenomenologiche – CIRF.

Abstract:

This article examines the phenomenological analysis of empathy (*Einfühlung*) – treated as entropathy, understood beyond compassion or sympathy – as a foundational basis for Edith Stein's philosophical anthropology. The aim is to clarify how empathy reveals both the universal structure of the human being (corporeal, psychic, and spiritual dimensions) and the irreducible singularity of each person, grounding community life and ethical responsibility. Methodologically, a bibliographical review and a close reading of Stein's main writings on intersubjectivity – especially her 1917 doctoral dissertation – are used, supplemented by autobiographical material to contextualize the development of her project and its dialogue with Husserl's phenomenology. Through eidetic and transcendental reductions, empathy emerges as a *sui generis* act that allows co-originary access to the lived experience of the other without fusing subjects, thereby revealing the intentional and value-laden nature of personal acts. The study concludes that empathy is constitutive for the full formation of the self as a spiritual, free, and responsible subject; it enriches self-knowledge, supports the recognition and sharing of values, and sustains intersubjective objectivity. Furthermore, it opens a path to transcendence, as it did for Edith Stein, by illuminating how understanding the interiority of others can expand the axiological horizon and motivate practical engagement consistent with personal and community flourishing.

Keywords: Phenomenology. Intersubjectivity. Entropathy. Singularity. Values.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar a análise fenomenológica da empatia (entropatia) como base fundante da antropologia de Edith Stein, delimitando os fundamentos metodológicos e as suas contribuições para a compreensão da constituição da pessoa como sujeito espiritual, da intersubjetividade e da sua singularidade irredutível.

O método empregado será o de revisão bibliográfica e análise dos principais textos de Edith Stein sobre o tema da intersubjetividade, especialmente o texto da tese doutoral de Edith Stein, publicado em 1917, na sua versão crítica alemã – Edith Stein Gesamtausgabe (ESGA), com tradução livre nossa. Como nessa autora não se pode dissociar a sua vida de suas obras, recorremos aos seus escritos autobiográficos para contextualizar e justificar o seu interesse pela análise fenomenológica da entropatia como fundamento seguro para a constituição do ser

humano, base para a sua antropologia. Seguindo as pistas que a própria autora nos fornece, é possível identificar o tema da intersubjetividade como essencial para a sua antropologia filosófica, sendo ampliado após a sua conversão ao cristianismo à relação do ser humano com Deus.

Utilizaremos a grafia “empatia (entropatia)” para traduzir o termo alemão “*Einfühlung*” e o justificaremos no item 2 deste texto. Manteremos o termo “empatia” quando citarmos a tese doutoral de Edith Stein, já traduzida nas línguas latinas como *O/Sobre o problema da empatia*.

Para melhor compreendermos a importância da análise fenomenológica da empatia (entropatia) para a antropologia steiniana, precisamos abordar o contexto de sua tese doutoral, e mais precisamente, de que modo ela passou do seu interesse pela Psicologia de sua época à Fenomenologia de Edmund Husserl.

Em seus escritos autobiográficos, redigidos em 1933, intitulado: *Vida de uma família judia*, Edith Stein nos relata o período em que, apoiada por sua mãe e irmãos, decide cursar uma universidade, em um tempo em que poucas mulheres tomavam essa decisão. Conta que, em 1911, inicia seus estudos universitários na Universidade da Breslávia (*Breslau*), em sua cidade natal. A grade de cursos era escolhida pelo próprio aluno, sabendo que no final do curso prestaria um Exame de Estado para se habilitar nas áreas que desejaria ser titulado, podendo lecionar sobre elas. Edith Stein organiza a sua agenda de estudos com os cursos: Língua Indo-europeia; Alemão Antigo e Gramática Moderna do Alemão; História do Teatro Alemão; História da Prússia na época de Frederico, o Grande; História da Constituição Inglesa; Grego para Iniciantes; Introdução à Psicologia; Filosofia da Natureza.

A sua paixão pelos estudos não afasta Edith Stein de uma prática ativa na vida acadêmica. Segundo ela, o seu amor pela História, que a conduzia a uma “participação apaixonada nos acontecimentos políticos do presente”, provinha da sua “consciência extrema da responsabilidade social e do sentimento de solidariedade (...) não apenas ao conjunto da Humanidade, mas também às comunidades mais restritas” (STEIN, 2018, p. 234). Edith Stein faz parte de diversos grupos de caráter reformista, entre eles o Grupo pedagógico e a Associação Universitária Feminina, engajando-se em favor do voto das mulheres e preocupada com a sua formação.

Na universidade, a qual Edith Stein se refere como “*alma mater*” (STEIN, 2018, p. 270), procura na psicologia de seu tempo uma resposta a seus profundos questionamentos, mas logo percebe que esta não lhe fornece os elementos necessários para a análise que desejava desenvolver: “ (...) essa ciência [a psicologia] ainda estava nos seus primeiros balbucios:

faltava-lhe o fundamento indispensável de conceitos de base clarificados, e ela própria não estava em condições de forjar para si tais conceitos” (STEIN, 2018, p. 277).

Em 1913, durante o período de férias, ela lê por indicação de um amigo as *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl e intui que ali poderia encontrar os fundamentos que buscava, em vão, na psicologia de sua época para uma análise científica da natureza humana. Em abril de 1913, com 21 anos, Edith Stein deixa a sua cidade Natal e continua seus estudos universitários em Gotinga (*Göttingen*). Edith Stein é prontamente aceita a seguir os seminários com Edmund Husserl, que admira a facilidade com que ela compreendeu a sua proposta filosófica, e a convida a participar do Círculo de fenomenólogos de Gotinga, um grupo de estudos e discussão que ele mesmo havia criado. Após dois semestres de estudos, ela lhe propõe escrever uma tese doutoral sob a sua direção acerca do fenômeno da empatia (*entropatia*) e ele, relutando por causa de sua pouca idade, acaba aceitando.

Empatia ou entropatia?

Angela Ales Bello, em *Introdução à Fenomenologia* (2006), nos propõe a tradução da palavra alemã *Einfühlung* por entropatia e não empatia, por ser mais difícil de confundi-la com a reação psíquica da empatia, entendida como “sentir o outro”, tal como fizeram Theodor Lipps (1851-1914), Max Scheler (1874-1928), Münsterberg (1863-1916) – discípulo do médico e psicólogo Wilhelm Wundt (1832-1920) –, Wilhelm Dilthey (1833-1911) e outros psicólogos e filósofos contemporâneos a Husserl e Stein. Esse uso incorreto do termo acabou difundindo-se e popularizando-se mais contemporaneamente pelo psicólogo estadunidense, Carl Rogers (Alves Schievano e Akira Goto, 2022), que exerce aqui grande influência no Brasil.

Einfühlung deriva do verbo alemão *fühlen*, que significa “sentir”. Mas em alemão existe uma diferença entre “sentir sentimentos”, *einfühlen*, e “sentir sensações”, *empfinden*. São duas vivências diferentes, pois a primeira se dá no âmbito espiritual, especificamente humano. Ao identificar uma sensação como “sentimento”, ativamos em nós a dimensão do intelecto que nos permite identificar e nomear o que estamos sentindo, ou seja, o conteúdo da nossa vivência. É esse conteúdo que conseguimos captar da vivência de outro ser humano por meio da empatia (entropatia). Por exemplo, somos capazes de identificar quando estamos diante de alguém que parece estar vivenciando a alegria por já termos vivenciado, de modo próprio e pessoal, o que entendemos por “alegria”. Além disso, o nomear nos permite refletir sobre o que estamos sentindo, ponderar e associar a uma atitude. E a vivência empática como ato do intelecto não é

algo que se dá apenas no âmbito cognitivo, teórico, mas perpassa e fundamenta todos os atos humanos livres. Por meio da empatia (entropatia) conseguimos compartilhar os conteúdos de nossas vivências com outras pessoas, inclusive reiterando ou corrigindo os nossos atos empáticos, forjando uma vida intersubjetiva mais sólida e enriquecedora, ao modo de uma comunidade, onde as pessoas se reconhecem como sujeitos espirituais capazes de atos livres.

No entanto, quando associamos a empatia (entropatia) com as “sensações” que sentimos, estamos nos referindo ao modo como reagimos a algo que nos afeta de modo positivo ou negativo, que se dá no âmbito psíquico, e frequentemente a confundimos com “simpatia” ou “compaixão”. O âmbito psíquico existe também nos animais, que reagem ao que lhes acontece, sem associar a um conceito. Pode-se até falar de empatia entre animais ou entre animais e seres humanos, mas não se trata da vivência da *Einfühlung*, analisada por Husserl e aprofundada por Edith Stein. O uso da tradução de *Einfühlung* por empatia pode “empobrecer” essa palavra, ou ainda, fazer com que ela deixe de transparecer o seu status de resíduo fenomenológico – impossível de ser colocada entre parênteses pelas duas operações de redução, por fazer parte da constituição de todo ser humano – para ser pensada como uma capacidade psíquica de imitação ou de imersão nos sentimentos do outro, sentindo-os como próprios, podendo se assemelhar a um tipo de contágio psíquico. Isso realmente pode ocorrer entre os seres humanos, mas acontece quando não ativamos a dimensão espiritual em nossas relações, nos deixando levar pelas nossas pulsões ou instintos, sem refletir por meio de nosso pensamento crítico. Infelizmente, esse tipo de comportamento tem florescido em nosso meio, especialmente motivado pelo uso excessivo das mídias sociais, controlado por algoritmos.

Edith Stein diria que estamos tendencialmente deixando de viver ao modo de comunidade para assumir uma outra forma de coletividade, a “massa”. O fenômeno do “contágio psíquico”, também considerado como “contágio de massa”, é aprofundado por Edith Stein em sua obra de 1922: *Contribuições à fundamentação filosófica para a psicologia e ciências do Espírito*, mas ele tem como fundamento a análise fenomenológica da empatia (entropatia). Daí a importância de resgatarmos esse conceito em sua significação fenomenológica para nos ajudar a refletir sobre nossa própria vida interior e nossas relações intersubjetivas. Se na minha relação com os outros eu sou capaz de “sentir o que o outro está sentindo”, como posso diferenciar o meu sentimento do sentimento do outro? Como posso ser considerado responsável pelos meus próprios atos? E essa responsabilidade e liberdade pessoal é pressuposta nas relações especificamente humanas.

Análise psicológica e análise fenomenológica da empatia (entropatia)

Segundo Angela Ales Bello e Mateus dos Reis Gomes, o termo *Einfühlung* não é uma palavra utilizada na língua alemã cotidiana, mas é um neologismo. Essa palavra nova, apesar de já ter sido empregada de modo técnico por alguns autores do romantismo alemão, como Herder e Novalis, e antes deles Friedrich Theodor Vischer, começou a ser utilizada de modo corrente a partir de alguns autores da psicologia nascente do início do século XX, especialmente Lipps e Kohut. Inicialmente ela foi vinculada à teoria estética de Robert Vischer (filho de Friedrich Theodor), e ganhou uma maior visibilidade ao ser aplicada por Theodor Lipps à psicologia com um significado bem preciso, como um tipo de “simpatia simbólica” ou “identificação” entre um sujeito e um objeto (Ales Bello; Gomes, 2024, pp. 848-849).

Edith Stein vai se deparar com esse problema em sua tese doutoral e seguirá a indicação de Husserl de apresentar e justificar como não fenomenológico o modo como o conceito da empatia (entropatia) é abordado por Lipps, Scheler, Münsterberg, assim como Wilhelm Dilthey. Apesar desses nomes terem sido citados e trabalhados na segunda parte da tese, provavelmente suas teorias sobre a empatia foram objeto de uma análise ainda mais detalhada feita por Stein, a pedido de Husserl, na primeira parte da tese, que infelizmente nunca chegou até nós. Depois de defendida, a tese foi impressa sem essa primeira parte, pois tinha ficado demasiado extensa e os recursos da família Stein estavam mais escassos para imprimi-la na sua totalidade devido à participação da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Provavelmente o texto manuscrito dessa parte histórica tenha sido perdido durante a perseguição nazista.

Husserl faz essa exigência à Edith Stein para esclarecer de modo adequado a diferença entre o uso do termo *Einfühlung* pela psicologia e o uso fenomenológico que ele estava propondo, uma total novidade. Àquela época, a psicologia buscava se fundamentar como ciência, mas ainda não tinha um método próprio adequado para fazê-lo e utilizava os métodos das ciências naturais da época, tal como a biologia ou a zoologia. Lipps já dá um passo além, pois comprehende a psicologia de uma outra forma, como uma análise da experiência interior, propondo uma abordagem genético-psicológica, podendo coincidir com a filosofia. Lipps se torna um autor bem conhecido, sendo citado por Edmund Husserl em alguns de seus escritos. Mesmo assim, ele não consegue captar a riqueza que está por detrás desse termo “empatia (entropatia)”.

Husserl, no seu estudo fenomenológico da empatia, parte da ideia da “analogia” de Lipps, mas a aplica apenas para um primeiro grau da empatia, onde se dá uma certa analogia

entre o meu corpo e o corpo do outro. O aprofundamento da análise da empatia por sua discípula e primeira assistente, Edith Stein, permite fundamentar a crítica que o Husserl já faz ao conceito de empatia em Lipps em um artigo de 1913:

Husserl concorda que a *Einfühlung* é uma “participação interior”, mas o que realmente acontece na interioridade? Aqui as duas vias se dividem e essa divisão é bem mostrada por Edith Stein em sua tese de doutorado, dedicada precisamente a essa questão: *Zum Problem der Einfühlung* (Stein 2008). (Ales Bello; Gomes, 2024, p. 849).

Edmund Husserl estava convencido que a Fenomenologia era um método adequado para fundamentar todo e qualquer estudo do ser humano, pois ao explicitar como se dá o ato de conhecimento em geral, comprehende-se também como é feito aquele ser capaz desse ato, estritamente espiritual, não compartilhado com mais nenhum ser vivo do mundo criado. Por isso, Husserl aceitou orientar a jovem Edith Stein quando ela se propôs a fazer uma análise aprofundada do fenômeno da empatia aplicando o método fenomenológico do seu Mestre.

Stein inicia seu texto citando que usará o método fenomenológico de Husserl. Ao invés de procurar descrever em poucas palavras o que seria tal método – missão praticamente impossível para uma introdução de uma tese doutoral – ela remete o leitor ao texto das *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*² (*Ideias I*) de Husserl. Afirma que a análise da empatia se dará no âmbito das duas reduções, eidética e transcendental, onde:

[...] todo o mundo circundante está colocado fora de circuito ou sujeito à redução, tanto o mundo físico quanto o mundo psíquico, tanto os corpos materiais quanto as almas dos seres humanos e dos animais, assim como a própria pessoa psicofísica daquele que procede a investigação.³

Após realizar o exercício cognitivo dessas duas reduções, chega-se ao âmbito das vivências puras do sujeito e de seu correlato objetivo, o mundo circundante composto de coisas objetivas, outros seres vivos e outros seres humanos, como um mundo dado à consciência. Como é possível analisar e descrever esse mundo reduzido? Por meio das vivências puras da

² HUSSERL, E. *Ideen Zu Einer Reinen Phänomenologie Und Phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: *Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. Husserliana, Edmund Husserl Gesammelte Werke, Bd. III/1. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1976. Existe uma tradução brasileira desse texto: *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. Ed. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

³ STEIN. ESGA 5, 2010, p. 11 [Parte II, §1].

consciência, sempre junto ao seu correlato objetivo. Mas qual é a utilidade desse tipo de análise para nós, que somos sujeitos de carne e osso, vivendo em um mundo concreto? Para entender isso é preciso retroceder um pouco e olhar para o percurso feito por Edith Stein ao buscar uma maior compreensão da essência da natureza humana.

Ela afirma em seus escritos autobiográficos que a Fenomenologia a fascinou, pois “consistia fundamental e essencialmente em um trabalho de clarificação, e desde o início ela mesma havia elaborado os instrumentos intelectuais de que necessitava” (STEIN, 2018, p. 277). O método de Husserl lhe permite compreender o ser humano em sua totalidade psicofísica e espiritual, de modo muito mais amplo e profundo do que aquele proposto pela psicologia que havia conhecido na Universidade da Breslávia. Para Husserl o ser humano não é apenas “pensar”, tampouco é apenas um animal um pouco mais desenvolvido, que pode ser estudado e analisado com o método das ciências naturais positivas. O ser humano é capaz de sentir, querer e agir de modo livre, ele é um sujeito psicofísico-espiritual.

Além disso, todo ser humano possui uma capacidade inata de identificar quando está diante de outro ser humano, semelhante a si, mas também portador de características singulares, por meio de uma vivência *sui generis*, a empatia (entropatia). Husserl apreende essa vivência como uma consideração fenomenológica fundamental, pois nos permite constatar que o fenômeno da captação da vida anímica alheia existe e é indubitável. Em sua obra de 1913, *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, publicada no mesmo ano em que Edith Stein chega a Gotinga, Husserl afirma que “a minha empatia (entropatia)” é “originariamente e absolutamente dada, não apenas segundo a essência, mas segundo a existência”, assim como “a minha consciência em geral” (HUSSERL, 2006, p. 109, §46). A empatia (entropatia) não é uma vivência ao lado das outras vivências que constatamos por meio do método fenomenológico, tal como a percepção, rememoração, imaginação, fantasia, pensamento, avaliação etc., pois ela nos permite fundamentar de modo absoluto e universal a intersubjetividade humana.

Edith Stein se propõe a desenvolver em forma de tese doutoral, sob a direção de Husserl, como se dá a captação da vivência alheia pelo ser humano e de que modo o ser humano se constitui como um ser capaz desse ato. Ela inicia a redação de sua tese em 1914, e define a empatia (entropatia), inicialmente, de modo amplo, como: “a experiência que um eu em geral pode ter de outro eu em geral” (STEIN, 2010, p. 20. Parte II, §2.c). Ao aprofundar a sua análise, ela passa a descrever de que modo essa vivência nos permite observar a constituição geral de todo ser humano, tema que mais lhe interessa.

Na primeira parte [da tese], amparada em algumas anotações tiradas dos cursos de Husserl, examinei o ato da “empatia (entropatia)” como um modo particular de conhecimento. Sobre essa base, abordei o tema que me interessou especialmente e que depois me ocupou em todos os meus trabalhos posteriores: a constituição da pessoa humana (STEIN, 2018, p. 511).

Edith Stein se propõe a analisar como se dá tal experiência “como um ato do conhecimento”, ou seja, no campo da consciência pura, obtido por meio das duas reduções fenomenológicas propostas por Husserl. Antes de falarmos quais seriam essas duas reduções que nos abrem o acesso ao campo da consciência pura, é importante notar como o termo “consciência” é empregado por Husserl em sua Fenomenologia. De um modo geral, consciência é o modo como o ser humano acompanha todas as suas experiências, percebendo-as como suas e sendo capaz de, posteriormente, analisá-las, refletindo e ponderando sobre elas. Nesse segundo momento, o ser humano emprega a consciência de modo refletido, no campo intelectual, como uma atividade espiritual, motivada e livre, sendo capaz de identificar o sentido de suas vivências e nomeá-las. Por fim, a consciência pode atingir um maior grau de abstração, refletindo sobre a possibilidade do próprio ato de refletir, atingindo assim o campo da consciência pura, duplamente reduzida.

Husserl identificará esses diferentes modos de análise do uso da consciência como: atitude natural da consciência e seu uso refletido ou intelectual, que se atinge por meio de duas operações de abstração: a redução eidética e a redução transcendental.

É importante notar que o uso refletido e intelectual da consciência só é possível porque já nascemos com a capacidade de nos tomar por objeto por meio de nossa consciência, que está sempre voltada para algo, seja externo ou interno a nós. Essa atividade Husserl chama de “intencionalidade da consciência”. Logo, Husserl não cria uma nova teoria sobre a consciência, mas parte de uma constatação de fato, aprofunda e analisa de que modo ela é possível e como o ser humano emprega essa sua capacidade inata para conhecer as coisas em sua essência, em seu sentido.

Segundo Ales Bello em seu livro de *Introdução à Fenomenologia*, a identificação desse terreno da consciência é a grande novidade da abordagem fenomenológica de Husserl, sua contribuição mais importante e provavelmente a mais difícil:

A consciência está no espírito? Está no psíquico? (...) as três dimensões – corpo, psique e espírito – só são conhecidas por nós porque temos consciência. Portanto, a consciência não é um lugar físico, nem um lugar específico, nem é de caráter espiritual

ou psíquico. É como um ponto de convergência das operações humanas, que nos permite dizer o que estamos dizendo ou fazer o que fazemos como seres humanos. Somos conscientes de que temos a realidade corpórea, a atividade psíquica e uma atividade espiritual e temos consciência de que registramos os atos. Ou, dito de outro modo, se um ato é psíquico, corpóreo ou espiritual, de qualquer modo, nós o registramos em nossa consciência (ALES BELLO, 2006, pp. 45-46.).

A Fenomenologia como método

Para abordarmos a análise do fenômeno da empatia (entropatia) de Edith Stein, a fim de apresentá-la como base de onde ela parte para fundamentar a sua antropologia fenomenológica, faz-se necessário apresentar, mesmo que de modo geral, o método fenomenológico de seu mestre, Edmund Husserl. Edith Stein utiliza em sua análise da empatia (entropatia) a *epoché*, a redução eidética e a redução transcendental: procedimentos fenomenológicos já apresentados por Husserl em sua obra de 1913, *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica (Ideias I)*.

A atitude da *epoché* como orientação fenomenológica é tratada na segunda seção das *Ideias I*, intitulada *Consideração fenomenológica fundamental*. O termo *epoché* vem do grego e significa “suspensão do juízo” ou “colocação fora do circuito”. Como matemático de origem, Husserl estava acostumado a essa operação que suspende momentaneamente o cálculo dos números que estão entre parênteses para se ocupar do resto da equação. Ele percebe que o mesmo acontece quando buscamos o sentido das coisas: propõe “colocar fora do circuito” todos os nossos pré-conceitos, pré-juízos, criados pela nossa opinião e pelas diversas teorias que tratam do objeto que queremos investigar. Essa é a primeira atitude filosófica requerida para se conhecer o objeto na sua essência ou na sua forma pura. Pode-se comparar esse processo como o de uma escavação, onde precisamos inicialmente definir um terreno a ser explorado levando em consideração todas as margens essenciais para essa atividade, excluindo tudo o que aparentemente não é essencial para se atingir o sentido, a essência do que é investigado.

Mas como proceder a uma análise sem partir de pressupostos, ou seja, sem já partir de uma determinada teoria para posteriormente tentar encontrar os elementos teóricos e experiências práticas para justificá-la? Essa é a grande novidade do método de Husserl, que Edith Stein capta com muita clareza e se propõe a aplicar em sua análise da empatia (entropatia). Ela sabe que precisa renunciar a todas as visões já pré-definidas do ser humano. Por exemplo, se ela partisse de uma visão naturalista e mecanicista, a empatia (entropatia) seria vista como

um sentimento fundamentado na capacidade de associação, imitação ou identificação, podendo-se confundir com uma atitude de simpatia ou compaixão. Para a compreensão naturalista, de que se servia o psicologismo, o ser humano era apenas psicofísico, conduzido pelas suas pulsões e pela influência do outros e do meio em que vive.

A atitude de colocar entre parênteses qualquer conhecimento preliminar para tentar captar o “fenômeno” que se manifesta à consciência, nos conduz à primeira operação do método fenomenológico, chamada por Husserl de redução eidética ou redução às essências. *Eidos*, em grego, significa essência. Nessa primeira redução, coloca-se entre parênteses o mundo natural que está constantemente “para nós aí”, “ao nosso dispor”, reduzindo todas as suas características sensíveis e não essenciais. Elas não são canceladas ou negadas, apenas não são levadas em consideração para a análise fenomenológica, que se dá no âmbito puro. Essa redução é pensada por Husserl como um “antídoto” contra a aplicação do positivismo materialista e do empirismo à análise dos fenômenos humanos. A psicologia e as ciências do espírito – ciências humanas – estavam surgindo como ciências no final do século XIX e início do século XX e havia uma tendência a fundamentá-las por meio do método das ciências empíricas, reduzindo o humano à apenas as suas características psicofísicas, para depois estudá-lo de modo quantitativo, com o auxílio das operações da matemática e da física. Husserl busca um fundamento mais seguro e mais amplo, sem restringir-se aos limites dos métodos quantitativos. E isso não deriva de uma teoria, mas da observação do fato de que todo conhecimento humano parte do sensível, mas vai além, para o que é inteligível. E o inteligível não pode ser medido de modo quantitativo, mas apenas descrito de modo qualitativo. O que interessa ao ser humano em sua busca de conhecer não é apenas o uso que se faz das coisas e sim o seu sentido, a sua essência. Intuímos, imediatamente, que nele reside a “verdade/realidade” da coisa, capaz de ser apreendida e transmitida de modo universal.

Essa primeira redução ancora-se em uma constatação: todo ser humano é capaz de captar o sentido, a essência das coisas, por uma capacidade intuitiva inata, herdada e compartilhada por toda a humanidade, capacidade essa não levada em consideração pelo método experimental do positivismo e da física clássica.

O Positivismo considera muito importante os fatos, sobretudo assumidos como tais pelas ciências físicas. No entanto, Husserl diz que os fatos existem e são fatos. Mas o que são? Por exemplo, a ciência física olha a natureza, dá-se conta dos fatos da natureza, mas o que são esses fatos? Ou ainda, as ciências sociais olham a sociedade, mas o que é a sociedade? Qual é o seu sentido? Fazemos tantas análises da sociedade sem saber do que se trata. Não basta dizer que existem, e esta é uma das polêmicas de

Husserl no confronto com o Positivismo, mas também com todas as ciências da natureza e as ciências humanas (ALES BELLO, 2006, p. 24).

Quando Husserl fala que o nosso conhecimento se fundamenta em nossa capacidade de captar o sentido ou as essências das coisas, ele não se está referindo a elas no mesmo modo que a tradição metafísica, no sentido platônico. Tampouco está “psicologizando” o sentido das essências, pois elas não são uma construção psíquica, mas uma função, uma operação da consciência que não pode ser reduzida quando a analisamos na sua forma pura, pois ela está sempre aí, na própria operação de colocar entre parênteses. Para compreender isso de modo mais claro é preciso fazer uma outra operação intelectual, uma outra redução, agora no âmbito da consciência: a redução transcendental. Nela o enfoque é dado ao sujeito capaz dessas operações, realizadas por meio de seu intelecto ou, como diz Husserl, na forma do *cogito*.

Para uma correta compreensão da redução transcendental é preciso entender o conceito husseriano de intencionalidade da consciência. Intencionalidade é um conceito da filosofia medieval e significa: “dirigir-se para”, “visar alguma coisa”. Para Husserl, assim como também para os autores medievais, toda consciência é, enquanto intencionalidade, consciência de alguma coisa. Logo, contrariamente ao que a filosofia moderna nos leva a supor, a consciência não é uma substância ou entidade, não é uma “coisa” subjetiva contraposta a uma outra “coisa” objetiva, mas ela é uma atividade constituída por atos de experiência, ou ainda, por vivências da percepção, recordação, expectativa, volição, paixão, imaginação, especulação etc. Todos esses atos têm algo em comum: em todos eles a consciência visa algo. Como demonstrar isso, fenomenologicamente?

Colocando todo o mundo circundante entre parênteses ou fora de circuito – inclusive aquela pessoa que faz a investigação enquanto sujeito psicofísico – restará como resíduo fenomenológico, que Husserl chamará de “consciência pura” ou “consciência transcendental”:

Mantemos, pois, o olhar firmemente voltado para a esfera da consciência e estudamos o que nela encontramos de modo imanente. (...) Seguiremos nesses estudos até onde for necessário para levar a cabo a evidência que buscávamos, a saber, a evidência de que a consciência tem em si mesma um ser próprio, o qual não é atingido em sua essência própria absoluta pela exclusão fenomenológica. A consciência remanesce, assim, como “resíduo fenomenológico”, como uma espécie própria por princípio de região do ser, que pode, com efeito, tornar-se o campo de uma nova ciência, a fenomenologia (*Ideias I*, 2006, p. 84, §33).

Na segunda redução, coloca-se entre parênteses o eu pessoal de quem está investigando, no seu *cogitare*. Ele é visto apenas como sujeito transcendental, ou seja, sujeito capaz de conhecer o que está fora de si, trazendo para dentro de si. Por exemplo: eu percebo um objeto no mundo físico, um livro, e sou capaz de nomeá-lo como um livro, identificando a sua essência. Quando ele sai do meu campo de percepção, sou capaz de recordar-me dele, pois esse objeto está agora “dentro de mim”, do meu intelecto, da minha memória. Caso ele tenha ocasionado em mim alguma recordação agradável ou desagradável, eu me recordarei dele associando-o a um sentimento. E isso acontece de modo “transcendental”, pois se dá como “condição de possibilidade” em todo ser humano, em todos os seus atos puros, que se dão sob a forma da consciência, acompanhados de modo intencional por um “eu”. Todas as nossas vivências, refletidas ou não, são seguidas por: eu percebo, eu recordo, eu imagino, eu avalio, eu julgo, eu desejo, eu quero, eu ajo etc. Por isso elas podem ser identificadas como pertencendo a um mesmo “fluxo de vivências”, vividas por um eu que permanece como sujeito de suas vivências presentes, passadas e futuras. Atinge-se, como resíduo fenomenológico e sem negar a existência do mundo, o campo transcendental da consciência pura.

Esse campo, descoberto e descrito por Husserl, pressupõe mais um conceito importante para se compreender o método fenomenológico: o da intencionalidade da consciência. Identificamos nossas vivências, inicialmente, distinguindo-as da dos outros seres humanos, por sermos capazes de acompanhá-la por um “eu” que permanece o mesmo durante todo o fluxo de minhas vivências: no presente, no passado e no futuro. O tempo, assim descrito, se dá na interioridade do sujeito, no modo como ele experimenta as suas próprias vivências. Do mesmo modo que as identifica em mim, sou capaz de identificar esse modo em todo e qualquer sujeito, independentemente de sua capacidade psicofísica-espiritual. Todos nós possuímos, desde o nosso nascimento, uma “consciência intencional”. Temos aqui uma definição de consciência que ainda não se identifica com a da reflexão, que conduz à autoconsciência. Mas Husserl já a denomina de consciência pois ela é o que nos torna capazes de identificar as próprias vivências, mesmo aquelas que vivemos de modo passivo, sem perceber que estamos vivendo, mas que depois podemos trazer para uma dimensão ativa por meio da rememoração. Somos, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de nossas próprias investigações: só o ser humano é capaz de fazer esse tipo de análise eidética no âmbito das vivências puras, pois além de ser dotado de uma consciência que acompanha todas as suas vivências, ele é capaz de refletir sobre si mesmo colocando-se como objeto de suas próprias análises.

Por meio da análise transcendental das vivências, Husserl chega a algumas constatações que servirão de ponto de partida para a análise de Edith Stein: (1) Temos consciência das coisas e também de sermos uma unidade: corpo vivente e alma (psique e espírito); (2) a intersubjetividade humana se manifesta como resíduo fenomenológico, ou seja, faz parte da constituição do ser humano perceber o outro semelhante a si como possuindo uma mesma estrutura geral, apesar de vivê-la de modo individual, perceber-se como um “eu” frente a um “tu”. Husserl chama de empatia (entropatia) a capacidade de apreendermos imediatamente quando estamos diante de um outro ser humano, de modo que podemos falar de “nós”; (3) se podemos falar “nós” e compartilhar um mundo comum, esse mundo não é criado de modo solipsista, no interior de sujeitos individuais, mas ele é um mundo compartilhado por todos.

Apesar do objetivo da segunda operação de redução ser o de apresentar o “sujeito transcendental”, identificando-o com o modo como um sujeito em geral capta um objeto em geral (exterior ou interior), Husserl utiliza esse termo distanciando-se do idealismo radical, de tipo subjetivista, que pretende negar a existência real das coisas, admitindo-as apenas como constituídas no interior do sujeito. Husserl entende o sujeito transcendental como uma consciência que está sempre direcionada para um objeto, e mesmo se não conseguimos afirmar como seria esse objeto se nenhum ser humano existisse no mundo, sabemos que ele é real e existe por si. A relação com outros sujeitos, a intersubjetividade humana, lhe permitirá confirmar essa constatação de fato, e isso será aprofundado pela sua discípula, Edith Stein. Husserl seguirá até o final de sua vida analisando a intersubjetividade humana, mas a maioria desses escritos não foram publicados em vida e Edith Stein não teve acesso a eles. Desse modo, o aprofundamento do problema da empatia em sua tese doutoral foi considerado pelo seu Mestre, Husserl, como autêntico, original e lhe resultou a nota máxima, a menção *summa cum laude*.

A empatia (entropatia) como problema da constituição

Edith Stein inicia a segunda parte de sua tese pela análise da essência dos atos empáticos (primeira redução), para em seguida apresentar os três momentos da empatia (entropatia) que nos permitem identificar a constituição do ser humano, no âmbito puro, em suas dimensões corpórea, psíquica e espiritual (segunda redução). Conclui mostrando como a análise da empatia (entropatia) nos conduz ao reconhecimento de todo ser humano como pessoa espiritual, fundamentando assim os atos livres e a essencial singularidade do humano.

Por meio da sua análise ela fundamenta a constituição do ser humano como pessoa, tal como Husserl havia indicado, associando o estudo do problema da empatia (entropatia) com o da constituição geral do ser humano. Ao analisar o ato empático em sua forma reduzida, nós intuitivamente captamos que estamos diante de seres viventes e conscientes como nós, com uma mesma estrutura pura: corpo vivente, psique e espírito. Nós reconhecemos o outro e a nós mesmos como pessoas. Identificamos também a singularidade nossa e do outro, de tal modo que o mundo real, compartilhado por todos nós, é apreendido por cada um de modo pessoal.

Edith Stein parte da análise pura das vivências, iniciando pelas que primeiro se manifestam a nós: as vivências corpóreas, que captamos pela percepção. Nós as identificamos inicialmente em nós por meio dos cinco sentidos, distinguindo-as de outros objetos que se encontram no espaço, a partir de um “ponto zero de orientação”, onde se encontra o nosso “eu”. Permanecendo e aprofundando a relação com o outro, surgem em nós reações de atração ou repulsa ao que captamos pelos cinco sentidos, ou seja, as nossas vivências psíquicas. Nós não escolhemos senti-las, elas “acontecem em nós”. Depois, podemos tomar consciência das nossas reações e reagirmos por meio do intelecto e da vontade, mas essas reações já se dão por meio das vivências espirituais, onde ativamos a nossa capacidade de compreender, avaliar, ponderar, para poder decidir e agir com liberdade e com responsabilidade pessoal. Só assim a relação se concretiza como comunidade, entre sujeitos livres.

Conclui, de modo certo e universal, que somos todos pessoas: sujeitos capazes de atos espirituais livres. Não necessariamente todos nossos atos são livres, mas todo ser humano que não possui alguma patologia grave é capaz de agir de modo livre. E essa constatação de fato será reforçada pela análise steiniana dos três graus ou momentos do ato empático.

A constituição do ser humano como pessoa nos parece ser esse o ponto central da análise da empatia (entropatia) para Edith Stein. Ser pessoa é ser um sujeito capaz de atos livres. Isso já havia sido dito por Husserl, mas Stein aprofunda essa análise, aplicando-a tanto no campo da singularidade quanto no da intersubjetividade, intuindo que ambas as dimensões são igualmente importantes para o pleno desenvolvimento de toda pessoa.

Os três graus ou momentos do ato empático

Stein descreve três momentos da empatia (entropatia): aparição da vivência alheia; explicação preenchedora de sentido; objetivação comprehensiva da vivência explicitada.

Aparição da vivência alheia

Apreendo a vivência de outrem por alguns sinais, de sua corporeidade, do mesmo modo que percebo um objeto externo a mim. Percebo um determinado estado de ânimo que “leio” no rosto de alguém. A vivência do outro é, para mim, “um objeto”. Percebo o seu corpo como corpo vivente, vivenciado como próprio, assim como também vivencio o meu próprio corpo vivente: um corpo que serve de base para a dimensão psíquica. Reconheço já, nesse primeiro momento, uma semelhança entre o corpo vivente do outro e o meu próprio corpo vivente, mas também intuo as diferenças que existem entre eles, oriundas da singularidade. Mas, posso ficar apenas nesse primeiro momento e a compreensão do outro como sujeito livre, semelhante a mim, pode não se realizar completamente, sendo substituída pela percepção do outro de modo semelhante a um objeto material, externo a mim, a uma coisa.

Explicação preenchedora de sentido

Ao procurar apreender, de modo mais claro, o estado de ânimo daquele eu, a vivência deixa de estar para mim como um objeto, ela é transferida para o meu interior, enquanto sujeito. Eu sinto, em primeira pessoa, o que percebo que o outro está vivendo originariamente, mas não tenho como saber de que modo ele o está vivenciando. O outro aparece para mim como um sujeito, principalmente em sua dimensão psicofísica. Posso também permanecer nesse segundo momento do ato empático. Reconheço o outro como sujeito, percebo-o habitado por uma vida psíquica semelhante à minha, que precisa ser levada em consideração. Mas posso ficar apenas nesse momento e tender a fundir a vida do outro na vida, ou vice-versa. Nesse momento identifica-se o uso indevido do termo “empatia”, como uma fusão de sentimentos, em que a singularidade alheia é desconsiderada. Esse modo de intersubjetividade encontra-se nas relações de massa. É preciso passar para o terceiro momento do ato empático a fim de reconhecer a existência de um núcleo pessoal, tanto em mim quanto no outro.

Objetivação compreensiva da vivência explicitada

Quando consigo abranger o sentido da vivência empática, ela torna-se mais uma vez um “objeto” para mim. Eu comprehendo, experimento o outro está vivendo, mas nunca da mesma forma como ele o vive. Apenas comprehendo, de modo cooriginário, o conteúdo daquilo que ele

vive. Constatô, aceito e respeito a sua singularidade (STEIN, ESGA 5, p. 19; OCD II, p. 87). Ativa-se aqui a dimensão espiritual, onde reconheço em mim e no outro a existência de um núcleo identitário pessoal, marca de toda singularidade humana.

Ao percorrer os três momentos do ato empático em nossas relações intersubjetivas, nos tornamos capazes de um reconhecimento pleno da subjetividade alheia e da própria subjetividade, constituindo assim com o outro uma comunidade, base de toda vida coletiva tipicamente humana.

A empatia como compreensão das pessoas espirituais: singularidade e valores

Após apresentar o ato empático em seus três momentos, Edith Stein aborda a entropatia como compreensão das pessoas espirituais. O sujeito espiritual se manifesta, no campo da consciência pura, como um eu cujos atos não apenas constituem um mundo de objetos, mas ele próprio cria objetos por força de sua vontade. É o que evidenciamos nas obras de arte e cultura criadas pelo ser humano. Além disso, constata-se que cada sujeito cria esses objetos de um modo único, de acordo com a sua peculiar “visão de mundo” (STEIN, ESGA 5, p. 114; OCD II, p. 179). Tal visão de mundo não é tão peculiar a ponto de não poder ser compartilhada com os outros, e tal compartilhamento ocorre sempre permeado pelo que cada indivíduo reconhece como possuindo um valor para si.

No campo das motivações, em um sentido amplo, percebe-se que tudo o que “move”, motiva o sujeito, é apreendido por ele como possuindo um valor, como tendo um sentido. Como o sujeito humano, para Husserl e Edith Stein, não é apenas movido por suas pulsões e paixões – dimensão psicofísica – esses valores determinam o sentido dos atos espirituais, os direcionam. A motivação se encontra em cada singularidade em um “nexo significativo de vivências” atribuído ao espírito e deixa transparecer a legalidade da vida espiritual. Tal legalidade, específica dos atos do sujeito livre, não é nem natural, nem psíquica, mas racional. Não implica necessariamente no âmbito moral, mas o fundamenta: as leis racionais, que se expressam de modo a priori na lógica, caminham junto com a axiologia, a ética e a prática.

Pela empatia (entropatia), eu reconheço o outro como pessoa, como um ser dotado de consciência, com uma dimensão espiritual: capaz de afetos, pensamento e atos, livres e responsáveis. Sou capaz de reconhecer essa estrutura no outro e identificá-la também em mim. Somos semelhantes, mas ao mesmo tempo cada um de nós é único e irrepetível. Da investigação do fenômeno da empatia (entropatia), Edith Stein constata que a experiência da individualidade

alheia leva ao enriquecimento da própria individualidade sem que essa seja negada em sua identidade essencial, visto não se tratar de uma fusão, imitação, analogia, contágio etc. Mesmo reconhecendo a primazia da formação do próprio eu, anterior à intersubjetividade, ela conclui que “a constituição do indivíduo alheio é condição para a plena constituição do próprio indivíduo” (STEIN, ESGA 5, p. 106; OCD II, p.170). É na relação com o outro que reconheço os meus valores e formo, assim, a minha personalidade.

Edith Stein admite a influência do outro, do meio e dos fatores biológicos na constituição do próprio eu; mas, apesar disso, demonstra que o indivíduo permanece livre e responsável pelo que decide acolher do outro como um valor compartilhado, como algo que possui um sentido para si. Além disso, por meio das relações intersubjetivas é possível o reconhecimento de valores que o indivíduo não tinha plena consciência até então. Contudo, essa aceitação nunca se dá contra a própria vontade e a própria liberdade, ou seja, não sou capaz de acolher livremente um valor que seria para mim um antivalor. Daí o fundamento da responsabilidade de nossos atos perante a História.

A análise fenomenológica da empatia (entropatia) e sua relação com o mundo dos valores demonstra a irredutibilidade do eu e o seu protagonismo na formação da própria personalidade, que só se desenvolve de modo pleno na intersubjetividade. Somos responsáveis pela nossa formação e a dos outros, mas essa responsabilidade tem como limite a liberdade individual, que determina o que quero ou não aceitar e aderir como sendo um valor para mim. Logo, a análise da capacidade que temos de captar e aderir à visão de mundo de um eu alheio, compartilhando valores, permite afirmar que as relações intersubjetivas, apesar de serem passíveis de sofrer influência de contágio psíquico, não se reduzem a um simples contágio ou fusão de impressões ou sentimentos. Sempre existe a possibilidade de ativar a dimensão espiritual do intelecto e da vontade, avaliando, ponderando e decidindo agir de modo livre, buscando uma coerência entre o que realmente me move e motiva a minha ação no mundo.

Aprofundando ainda mais a sua análise, tomando por base suas próprias vivências, Edith Stein constata que a empatia (entropatia) também pode ocorrer “ao modo da representação vazia”, e é por causa desse modo que podemos enriquecer a nossa concepção de mundo, atingindo extratos do próprio eu que não eram reconhecidos como próprios, modificando parcialmente a própria escala de valores. Mas nunca reconheço como um valor o que seria um antivalor para mim. Uma pessoa, ao empatizar as vivências de outra, tomadas como uma totalidade inteligível de sentido, vivencia valores e descobre estratos correlativos de sua própria personalidade, que ela ainda não tinha tido ocasião de apreender de modo originário; mas, essa

pessoa também é capaz de apreender empaticamente valores e estratos de outra pessoa que se opõem à sua estrutura vivencial própria, sob o “modo da representação vazia”. Ou seja, comprehendo a vivência de um eu alheio à medida que empatizo o valor daquela vivência para aquele eu, mesmo sem poder preenchê-la com o conteúdo de uma vivência própria. Isso só é possível porque sou capaz de apreender empaticamente o conteúdo das vivências alheias, reconhecendo-as como constituídas em uma unidade de sentido para um outro eu, por meio da minha atividade intelectual.

Edith Stein, ao falar do modo da representação vazia, retoma o tema da relação do crente com Deus, que servirá de fio condutor para suas pesquisas posteriores, como ela mesma indica no final da obra. Ela cita seu próprio caso como exemplo:

Eu mesmo posso ser descrente e, no entanto, entender que outro sacrifique todos os seus bens terrenos por sua fé. Vejo que ele atua assim e empatizo uma captação de valor, cujo correlato não me é acessível, como motivo de seu agir, e concedo a ele um estrato pessoal que eu mesmo não possuo. É desse modo que eu obtenho empaticamente o tipo do “*homo religiosus*” que é alheio à minha essência e eu o comprehendo apesar de aquilo que aparece ali como novo permanecer irrealizado (STEIN, ESGA 5, p. 133; OCD II, p. 199).

No final de seu tese doutoral Edith Stein afirma que seguirá suas pesquisas sobre a empatia (entropatia) e sua relação com a constituição da pessoa humana investigando o fenômeno da experiência religiosa, que via como uma relação empática autêntica de muitos de seus amigos e pessoas que ela admirava com os espíritos puros e com Deus. A partir desse ato inicialmente teórico, Edith Stein irá desvelar e aprofundar ao longo de sua vida os seus estratos com relação aos valores da experiência religiosa, e essa mudança obtida pelo ato empático e pela posição fenomenológica de abertura ao outro, lhe permitirá viver, mais tarde, a experiência religiosa de encontro com um Deus pessoal na sua forma originária. Desse modo, o tema da consciência religiosa, aqui colocado apenas na forma da representação vazia, se tornará um tema existencial para Edith Stein.

Considerações finais

A empatia (entropatia) não deve ser confundida com simpatia ou compaixão, ela não é a descrição de uma atitude ética, mas, se bem compreendida – por meio das reduções fenomenológicas onde se atinge o campo da investigação pura – ela permite ao observador

apreender a constituição comum a todo ser humano – corpo vivente, psique e espírito – além da singularidade irredutível a cada indivíduo singular, que pode ser compartilhada com os outros, enriquecendo a visão de mundo própria e alheia.

A investigação fenomenológica da empatia (entropatia) em Edith Stein revela a pessoa humana como sujeito espiritual, capaz de atos livres e responsável, motivada por seus valores. A empatia (entropatia), entendida como ato *sui generis* de captação da vivência alheia, demonstra que a constituição do outro é condição para a constituição plena do próprio eu, apesar de sempre se dar de modo estritamente singular, pessoal. Além de aumentar o conhecimento próprio, a empatia auxilia na própria autoavaliação e abre-se, simultaneamente, por meio da captação cooriginária da vivência do outro, a um novo campo de valores ainda por descobrir. Esse processo não apenas enriquece a individualidade, mas também fundamenta a possibilidade de vida comunitária, a responsabilidade ética, a abertura a um outro semelhante a mim e ao Outro transcendente, Deus.

Referências Bibliográficas.

- ALES BELLO, Angela; DOS REIS GOMES, Matheus. **“Empatia” diz-se de muitas maneiras; a complexa história do termo *Einfühlung*.** FRAGMENTOS DE CULTURA. Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v. 34, p. 848-859, 2024.
- ALVES SCHIEVANO, Bruna. AKIRA GOTO, Tommy. **Estudio sobre el análisis fenomenológico de la empatía de Edith Stein y sus contribuciones a la psicología.** EIKASÍA. Revista de Filosofia. N.º 109. Agosto, 2022.
- GRACIOSO, Joel; PARISE, Maria Cecilia I. **Eu puro e empatia segundo Edith Stein.** Revista ARGUMENTOS, UFC, v. 9, n. 18, 2017.
- HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- PARISE, Maria Cecilia I. **O papel dos valores na análise do fenômeno da empatia em Edith Stein.** Fenomenologia e Hermenêutica. Adriana Correia. Luiz Rohden, Juvenal Savian, Carlos Tourinho (orgs). Coleção XVII Encontro ANPOF, 2017. P. 187-205.
- PARISE, Maria Cecilia I. **Bases fenomenológicas na antropologia de Edith Stein.** Conferência no Simpósio Amazônico de Edith Stein: Antropologia Personalista e suas Intersecções Amazônicas. Publicação eletrônica - Even 3, n. 138407, 2018.

- PARISE, Maria Cecilia I. Individualidade, corporeidade e percepção do outro: ato empático em Edith Stein. In: PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima (Org.). **A arte de Educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein.** 1^a ed. Curitiba: Editora Prisma, 2018. p. 79-130.
- STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos.** Trad. Maria do Carmo V. Wollny; Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.
- STEIN, Edith. **Zum Problem der Einfühlung.** Edith Stein Gesamtausgabe V. 5. (ESGA 5). Freiburg–Basel–Wien: Herder, 2010.
- STEIN, Edith. **Sobre el problema de la empatía.** Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica: 1915-1920. V. II. (O.C.D. II). Burgos–Vitoria–Madrid: Monte Carmelo, 2002, p. 53-204).
- STEIN, Edith. **Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu.** Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica: 1915-1920. V. II. Burgos–Vitoria–Madrid: Monte Carmelo, 2002, p. 205-520).